



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
ESCOLA DE MÚSICA  
ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFBA**

**OSUFBA, TEMPORADA 2023, 69 ANOS  
DÉCIMO-SÉTIMO CONCERTO  
CONCERTO SINFÔNICO**

***OSUFBA NO CAMPUS CARLOS MARIGHELLA***

**Teatro da Cidade do Saber, Camaçari, BA  
Quarta-feira, 01 de novembro de 2023, 19 horas**

\* \* \* \* \*

Ao inaugurarem-se os Seminários Livres de Música, em 15 de outubro de 1954, o processo de criação do setor universitário de música já iniciara com dois importantes movimentos: os Seminários Internacionais de Música, criados como atividade permanente da Universidade, constituindo o instrumento de integração artística entre centros culturais do Brasil e exterior, e as ações que davam forma definitiva a uma Escola de Música de nível superior, sistematizada em objetivos cujas origens remontavam ao último decênio dos anos 40. Na mesma ocasião, foram lançadas as bases para a criação de uma Orquestra Sinfônica e um Madrigal, organismos destinados a proporcionar o conhecimento das grandes obras-primas da literatura musical. Assim, neste ano de 2023, aproximando-se dos seus 70 anos, iniciamos as celebrações de sete décadas de dedicação ao ensino, à arte, à comunicação e serviço à comunidade.

# PROGRAMA

**Wolfgang Amadeus Mozart**  
(1756-1791)

*Le nozze di Figaro, Overture*  
(1785-6)

**Ludwig van Beethoven**  
(1770-1827)

*Sinfonia No. 7, Op. 92, em lá maior*  
(1811-12)

*Poco Sostenuto – Vivace*  
*Allegretto*  
*Presto / Assai meno Presto*  
*Allegro con brio*

**Eli-Eri Moura**  
(1963- )

*Armorialis*  
*Concerto duplo para Viola e Cello* (2007)

*Romance*  
*Incelença*  
*Desafio*

**Lais Guimarães – Viola**

**Italo Nogueira – Cello**

**Orquestra Sinfônica da UFBA**

**Maestro José Maurício Brandão – Regência**

Composta entre 1785 e 1786, e estreada em Viena, em 1º de maio de 1786, *Le Nozze di Figaro* - ópera-bufa em quatro atos sobre libreto de Lorenzo da Ponte, com base na peça homônima de Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais – pode ter gerado problemas na reputação de **W. A. Mozart**, por satirizar certos costumes da nobreza. É, no entanto, uma das obras-primas do compositor. Sua leve, fresca e enérgica *Abertura*, em forma sonata sem seção de desenvolvimento, é uma pérola do repertório sinfônico.

Estreada em Viena, em 8 de dezembro de 1813, num concerto em benefício de soldados feridos na Batalha das Nações (ocorrida seis semanas antes, contra as tropas de Napoleão Bonaparte), a *Sinfonia No.7, Op 92* fez par com um dos raros exemplos de música programática em **L. v. Beethoven**: a *Vitória de Wellington, Sinfonia de Batalha, Op. 91*. Após essa estreia, cujo sucesso teve repercussões muito positivas e que conferiram ainda mais popularidade ao então já célebre compositor, ambas as obras foram consideradas, durante muito tempo, somente em conjunto: uma parecia representar a própria batalha (Op. 91) e a outra, a alegria e a celebração da vitória (Op. 92). Despojada desse fato circunstancial, porém, essa obra apresenta elementos fundamentais que norteariam a linguagem musical das gerações que sucederam Beethoven e que nele viram fonte substancial para novas posturas estéticas: pode-se dizer, assim, que na Sétima Sinfonia há marcadamente o início de um Beethoven anunciador da música do futuro. Nela o som adquire importância significativa, para além de mero material de construção melódica. Timbre, densidade e intensidade assumem papéis quase autônomos, como elementos expressivos que falam por si só. O tratamento da exposição temática, da mesma forma, toma, na Sinfonia Op. 92, uma nova feição. Se nas sinfonias de Haydn e Mozart, e nas primeiras sinfonias de Beethoven, os temas são expostos sem rodeios e com uma “asserção” incontestável, em motivos mais ou menos delineados e de clareza explícita, na Sétima Sinfonia há certa ambiguidade expositiva que garante, ao compositor, potencialidades múltiplas para o trabalho de desenvolvimento: há uma nova proposta conceitual para o elemento temático, que é mais germe ou embrião fomentador da liberdade criativa que proposta lógica a ser demonstrada. A própria ideia de melodia, que no Classicismo sinfônico era quase sempre indissociável da ideia de tema e consequente desenvolvimento ou variação, aparece aqui modificada pelo gênio beethoveniano. É certo que, em Beethoven, quase nunca se pode observar a franqueza melódica tão acessível, por exemplo, em Mozart ou Schubert. No entanto, o Beethoven da Sinfonia Op. 92 parece subverter a noção clássica de melodia para dela poder explorar outros caminhos, em que a rítmica assume papel fundamental. Observada no contexto maior da obra e vida de Beethoven, afastada do momento circunstancial de sua estreia, a Sinfonia No. 7 ainda assim se coloca numa posição ímpar. Se na década de 1800 a 1810 os insucessos amorosos e o avanço inexorável da surdez ajudam a fazer explodir o gênio criativo em Beethoven, a segunda década do século XIX vê a consolidação definitiva de sua linguagem e de suas posturas estéticas e ideológicas. O grau de abstração a que Beethoven submete os elementos formais da linguagem musical do Classicismo posiciona a Sétima Sinfonia num lugar sem precedentes no todo de sua obra e no campo da música sinfônica em geral. A angústia dialética que o acomete como compositor, fundamentada, por um lado, na ideologia romântica que lhe norteia o trabalho criativo e, por outro, na sua dificuldade em abandonar os modelos clássicos parece, aí, descortinar-lhe uma possibilidade expressiva até então pouco explorada. Assim, se Romain Rolland designou a Sinfonia Op. 92 uma “orgia de ritmos”, é porque não teve totalmente a compreensão do artista criador, que busca seus próprios caminhos. Mais lúcida é a metáfora de Richard Wagner, que a ela se referiu como “a apoteose da dança.”

*Armorialis – Concerto Duplo para viola, violoncelo e orquestra* – escrito em 2007, em homenagem aos 80 anos do escritor Ariano Suassuna, foi comissionado pela direção do XI Festival Internacional de Música Virtuosi, realizado na cidade do Recife, ao compositor paraibano **Eli-Eri Moura**. A obra tem sua concepção a partir das idéias de Ariano Suassuna referentes à Música Armorial, particularmente no que diz respeito às suas propostas de estabelecer na música um elo entre o popular e o erudito; de recriar os cantares, os toques de viola e da rabeça dos cantadores do Nordeste brasileiro; e de evocar a tradição medieval ibérica, cujos traços estão presentes na cultura popular nordestina. No primeiro movimento (*Romance*), há uma alusão aos romances de cavalaria da Idade Média. Recordando as raízes ibéricas do Nordeste, Ariano diz: “Na Idade Média convive uma cultura erudita, com livros escritos em Latim, e, ao lado dela, a poesia popular cantada em romance, isto é, em provençal, em espanhol, no dialeto galaico-português etc. É o tempo das cantigas e canções-de-gesta, compostas e cantadas sobre Carlos Magno e os Doze Pares da França, a Demanda do Santo Graal, o Cid, sobre Reis mouros como Abenêmar, e os Cavaleiros cristãos como Galaaz. Logo, por economia, esses poemas, ao mesmo tempo líricos e épicos, escritos em romance passam a ser chamados somente de romances, e o nome se estende a toda a literatura narrativa em prosa ou em verso; são os romances de cavalaria, escritos em prosa, e as gestas, dos trovadores e troveiros, escritos em verso”. O Segundo movimento representa uma *Incelença*, um cântico entoado durante um velório, em volta do morto, por uma rezadeira (a líder) e por um coro de sentinelas (demais pessoas que acompanham a cerimônia funerária, rezando e cantando). Figurativamente, os dois instrumentos solistas ‘cantam’ tal cantiga, que chega aos ‘ouvidos do divino’ na parte central do movimento, quando se irrompe uma citação do Dies Irae medieval em uma roupagem de maracatu de baque virado. O terceiro movimento é um *Desafio*, que representa um dos tipos de cantoria de viola do Nordeste brasileiro. A cantoria de viola tem suas raízes na poesia dos trovadores andarilhos da Europa medieval e foi trazida para o Brasil pelos portugueses a partir do século XVI. Ela é executada por dois poetas cantadores (repentistas) que acompanham com violas caipiras (violas de arame) seus improvisos num verdadeiro duelo poético sobre casos da tradição oral, acontecimentos reais, filosofia e política. Em *Armorialis* esse duelo é travado entre a viola e o violoncelo solistas.

### **Próximos Concertos:**

**Sexta-feira, 17 de novembro de 2023, 19 horas, Reitoria da UFBA  
OSUFBA, Concerto Sinfônico**

**Terça-feira, 28 de novembro de 2023, 19 horas, Reitoria da UFBA  
OSUFBA, Concerto Sinfônico**

**Terça-feira, 12 de dezembro de 2023, 19 horas, Reitoria da UFBA  
OSUFBA, Concerto Sinfônico**

**Sexta-feira, 15 de dezembro de 2023, 19 horas, Reitoria da UFBA  
OSUFBA, Concerto Sinfônico – Concerto de Encerramento da  
Temporada 2023**

<b>Orquestra Sinfônica da UFBA – 69 Anos</b> <b>Coordenação: Prof. Dr. José Maurício Brandão</b>	
<b>Clarinetas</b>	
Igor Oliveira*	Alessandra Leão*
Hudson Ribeiro	Patrícia Perez
<b>Oboés</b>	
Lucas Avelino*	Paola G. Rodrigues*
Alisson Azevedo	Hugo Prio Gustavo Seal
<b>Flautas &amp; Piccolo</b>	
Tota Portela	Lucas Caetano*
<b>Fagotes</b>	
Bruno Peçanha	Jean Marques
<b>Trompas</b>	
Paula Guimarães	Josely Saldanha
Celso Benedito	João Luis Magalhães
<b>Trombones</b>	
Fred Dantas	Harnefer Oliveira*
	Enzo Gabriel Lisboa*
<b>Trompetes</b>	
Bruno Oliveira*	William Reis Silva*
<b>Tuba</b>	
	Renato Costa Pinto
<b>Harpa</b>	
Alice Emery Feliciano	
<b>Teclado</b>	
	Teca Gondim**
<b>Tímpanos &amp; Percussão</b>	
Isaac Novais	Oscar Mauchle
Aquim Sacramento**	Jorge Sacramento**
<b>Violinos I</b>	
Marco Catto (Spalla)	Davi Guima
Mário Soares	Jonas Souza*
Antonio Amorim	Fred Pessoa
<b>Violinos II</b>	
Diogo Pimentel	Lucas Avila*
Ana Zanata	Isabela Rangel*
Mario Gonçalves	Angela Onnis
<b>Violoncelos</b>	
Thomas Rodrigues	Guilherme Venturato
Faisal Hussein	Luis Felipe Nobre*
Christian Knop	M. Cândida Lobão
	Italo Nogueira
<b>Violas</b>	
Serghei Iurcik	Stênio Rodrigues*
Helena Rabelo	Kerwin Moury*
Lais Guimarães	Ícaro Smetak
	Ana Florencia Paulin
<b>Contrabaixos</b>	
Jessica Albuquerque	Rodolfo Dantas
<b>Arte Gráfica &amp; Audiovisual</b>	
Augusto Caymimi*	Eduardo Ravi
<b>Administrativo</b>	
Isadora Ramos	Ida Araujo
<b>Produção e Comunicação</b>	
Vanessa Santana	Any Valette
<b>Técnica</b>	
	Antonio Jorge Ferreira
<b>Arquivo</b>	
	Davi Cerqueira
* Aluno da UFBA	
** Professor da UFBA	

## Nossos Contatos

[www.escolademusica.ufba.br](http://www.escolademusica.ufba.br)

<https://www.instagram.com/emusufba>

<https://www.youtube.com/escolademusicadaufba>

[osufba@gmail.com](mailto:osufba@gmail.com)